

**ANÁLISE DA POÉTICA DE CAMÕES: O AMOR É FOGO QUE ARDE SEM
SE VER**

**ANALYSIS OF CAMEROON POETICS: LOVE IS A FIRE THAT BLAZES
WITHOUT SEEING**

Felipo Bellini Souza, Ana Lucia Barbosa Moraes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

felipobellini@hotmail.com

Resumo

A obra camoniana nos retrata os tempos de glórias das conquistas portuguesas no século das luzes. Partindo de uma contextualização histórica e situacional do país Portugal no século XVI, explanando sobre o autor dos Lusíadas como uma riqueza da época, entende-se o poema “O Amor é Fogo que Arde sem se Ver” como um soneto clássico para estudo, caracterizado como humano, típico do classicismo. Com o texto escolhido dentre a bibliografia de Luiz Vaz de Camões do gênero soneto, observa-se sua tendência a abrigar as características do gênero e do autor. O presente estudo realiza então, uma análise da forma, das rimas, das metáforas e ambigüidades encontradas, de forma a caracterizar o gênero soneto camoniano.

Palavras-chave: Camões; Lusíadas; Análise Poética.

Abstract

The work portrays the times in camonian glories of the Portuguese conquests in the century of lights. From a Historical and situational contextualization of Portugal in sixteenth century, explaining how the author of Lusíadas like treasure of his time, that means that the poem “O Amor é Fogo que Arde sem se Ver” as a classic sonnet to study, characterized as human tipic of classicism. With the text chosen from the bibliography of Luiz Vaz de Camões of the kind of sonnet, there is their tendency to shelter the characteristics of the kind and the author. This study then performs an analysis of the shape, rhymes, and the metaphors ambiguities found in order to characterize the kind of camonian sonnets.

Keywords: Camões; Lusíadas; Poetic Analisis.

Introdução

O Século XVI, denominado pela comunidade historiadora como o “Século das Luzes” foi um período de grande fartura para Portugal. Segundo a historiadora Ligia Bellini (1999, p. 2) “As viagens de descobrimento e colonização foram os mais importantes acontecimentos em Portugal, nos séculos XV e XVI, condicionando, em maior ou menor grau, grande parte dos aspectos culturais, econômicos e sociais lá existentes.” Mantendo a voz da autora “A expansão marítima constituiu, de diversas maneiras, a dimensão moderna de Portugal no período, ocasionando a formação de um novo quadro da configuração do mundo, o crescimento do grande comércio e das cidades e o desenvolvimento de um olhar empírico em certas áreas do saber.” (BELLINI, 1999, p.2). Nesta realidade o homem expandia seus horizontes, convivia com as lendas do descobrimento, se relacionava com as diversas culturas, inovações tecnológicas e os lusos viviam o papel de protagonistas dessa sociedade.

Entre os metais preciosos, riquezas e terras que semeavam esse período, a palavra na cultura e na arte era disseminada. Entre o principal ícone entramos Camões, que nos trás uma literatura rica, densa e revolucionaria para sua época, compondo a epopéia conhecida e lida até hoje: Os Lusíadas.

Os textos camonianos, a partir de sua publicação em 1572, tomaram uma importância gigantesca, não apenas pelo nome mas por sua riqueza de detalhes e a genialidade de seus versos.

Análise da poética de Camões

Entre os muitos textos que Camões veio a dominar, o soneto esta entre um de seus mais publicados. Fazendo parte de uma literatura clássica Camões escreve de forma humana, como explica Adriana de Campos Rennó (2007, p.2) quando a linguagem metáforia clássica que “então, tentava concretizar, pela idealização racional, o abstrato, resultando dela uma poética que projeta um “eu” humano e universal em face do mundo que observa e espera compreender.”

Com o objetivo perceber esse ponto de vista e nos atentar a questões típicas do sonete camoniano como a forma, os versos e a métrica analisamos o texto Amor é fogo que arde sem se ver... do poeta Luís Vaz de Camões (1997).

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo amor?

O texto acima, trata-se de um poema escrito por Luís Vaz de Camões, onde o eu - lírico procura expressar a natureza contraditória do amor. Sendo a poesia em estudo um soneto, gênero típico do Barroco e que tem como características a estrutura fixa, com quatro estrofes, sendo a dupla que inicia quartetos e as últimas tercetos, todas sendo estrofes com rimas externas e internas.

Neste soneto, os versos são decassílabos (dez sílabas poéticas), onde as rimas ocorrem entre o primeiro e o terceiro verso; entre o segundo e quarto nas duas primeiras estrofes (A,B,B,A) e nas que seguem ocorre rimas entre o primeiro e o terceiro verso (C,D,C) e que terminam em sua maioria com verbos e substantivos.

QUARTETOS

1. Amor é um fogo que arde sem se **ver**,
2. É ferida que dói e não se **sente**;
3. É um contentamento **descontente**;

4. É dor que desatina sem **doer**.
5. É um não querer mais que bem **querer**;
6. É um andar por entre a **gente**;
7. É nunca contentar-se de **contente**;
8. É um cuidar que ganha em se **perder**.

TERCETOS

9. É querer estar preso por **vontade**;
 10. É servir a quem vence, o **vencedor**;
 11. É ter com quem nos mata **lealdade**.
-
12. Mas como causar pode seu **favor**
 13. Nos corações humanos **amizade**,
 14. Se tão contrário a si é o mesmo **Amor**?

Com atenção aos versos, percebemos que o mesmo é composto por versos simétricos, típicos do gênero soneto, com rimas internas e externas que compõem a sonoridade do poema permitindo um universo musical. Usando deste universo de melodia o poeta inicia seu poema caracterizando o sentimento amoroso, com o uso de metáforas ele contradiz o efeito que o amor deveria causar, o que ocorre nas três primeiras estrofes, a todo o momento. O que resultou no acúmulo de paradoxos e contradições:

Ex: “Amor é... ferida que dói e não se sente.”

Ex: “... é um andar por entre a gente”

Ex: “é um cuidar que ganha em se perder.”

As contradições são aparentes porque o segundo membro do verso funciona como complemento do primeiro. Contradições que se tornam ainda mais exposto quando o eu lírico confronta duas realidades diversas: uma sensível ("ferida que dói") e uma espiritual, que transcende a primeira ("e não se sente").

Mesmo no fim do soneto, no último terceto, onde o autor fala:

Ex: “Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,

Se tão contrário a si é o mesmo Amor?"

O autor mantém a imagem de contrariedade do sentimento em questão, dessa vez questionando como o "Amor" pode causar amizade e ter tantos a seu favor, e ainda ser tão contraditório o Amor.

É importante ainda, notar o paralelismo que ocorre no texto de Camões:

Amor é fogo que arde **sem se** ver,
É ferida que dói, e não **se** sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina **sem** doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar por entre a gente;
É nunca contentar-**se** e contente;
É um cuidar que ganha em **se** perder.

É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo **Amor**?

No texto, o autor usa de figuras de linguagem, como anáforas, metáforas, oximoros e antíteses.

É exemplo das metáforas utilizadas:

"Amor é fogo que arde sem se ver,"

Elas nos permitem estabelecer a associação entre os dois planos (evocado e real).

Quanto à antítese:

"Amor é fogo que arde sem se ver;"

"É ferida que dói e não se sente;"

Oximoro:

“É nunca **contentar-se e contente**”

Conclusões

No texto “O Amor é Fogo que Arde Sem se Ver”, o eu lírico utiliza de figuras de linguagem, como anáforas, metáforas, oximoros e antíteses. Tem-se então que as características observadas no soneto abordado se tonam semelhantes a outros sonetos camonianos, caracterizando sua obra.

Seu soneto é composto por versos simétricos, típicos do gênero soneto, com rimas internas e externas que compõem a sonoridade do poema permitindo um universo musical.

Concluindo esta análise, percebemos pela característica que foram apresentadas, que o texto em questão está à parte de um período e que independente de seus quase 500 anos de existência ele se mantém como incógnita de sentimentos à medida que transmite tão sensivelmente a capacidade do poeta.

Referências

BELLINI, L. . Notas sobre Cultura, Política e Sociedade no Mundo Português do Século XVI. Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 143-167, 1999.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Amor é fogo que arde sem se ver**. São Paulo: Editora Ediouro, 1997.

HUE, Sheila Moura. O encontro de Luís de Camões e Garcia de Orta nas páginas iniciais de um livro. **Revista Camoniana**, v. 18, p. 5, 2006

RENNÓ, A. C. A linguagem metafórica no diálogo entre a tradição e a modernidade: Camões, Gregório de Matos e Oswald de Andrade. **Revista Travessias**, v. 01, p. 01-15, 2007.